

Divulgação

O regresso de José Cardoso Pires

Texto de: Beja Santos

É impensável falar-se do romance português contemporâneo sem referir "O Delfim", "Balada da Praia dos Cães" ou "Alexandra Alpha"; o seu ensaio "Cartilha do Marialva" prenuncia todo um movimento de contestação à velha ordem machista, sabendo-se como se sabe que o marialvismo tem profundas tradições na cultura portuguesa; "O Anjo Acorado" poderá ser o primeiro romance português com lembranças das modernas "short stories" de feição anglo-saxónica; "O Render dos Heróis" é uma lufada de ar fresco na renovação teatral, equiparado ao que no género produziram Sttau Monteiro e Bernardo Santareno; crónicas, memórias, prefácios e o "Almanaque" são momentos de consagração de um grande publicista que não se confinou ao romance ou aos contos, escrevendo sempre nos caminhos da inovação.

"Lavagante, encontro desabitado", é um texto inédito, anterior a "O Delfim" e que foi deixado numa versão final dactilografada, um texto elaborado entre 1963 e 1968. Recentemente editado (Lavagante, por José Cardoso Pires, Edições Nelson de Matos, 2008), ajuda-nos a matar saudades deste renovador da língua portuguesa que contribuiu para dar forma às novas paisagens e lugares dos começos da sociedade de consumo.

Percebe-se agora as hesitações de Cardoso Pires em dar à estampa este texto. Em 1963, ele publicou "O Hóspede de Job", uma escrita alquímica que deixa perceber que o neo-realismo morreu: recrutas que viajam num banco de pau do comboio de Évora, gente que conversa de modo simplório, ligando o presente ao passado, militares nas tabernas, soldados da GNR a cavalo, a agricultura madrastra, dois velhos que caminham ao desatino... o essencial é a escrita que deixa antever as mudanças da língua.

"O Delfim" é uma obra definitiva, o engenheiro Palma Bravo marca o fim de um tempo em que o marialva punha e dispunha, o seu poder na Lagoa (local mítico do seu poder, que começa a ser contaminado pela industrialização) está condenado. "O Delfim" é a obra suprema da literatura portuguesa dos anos 60.

"Lavagante, encontro desabitado" é uma narrativa mais do que um conto longo ou esboço de um romance. Estão lá em florescência alguns dos grandes ingredientes da prosa de José Cardoso Pires.

Tinha saudades desta prosa depurada e destilada, reduzida a nervo e donde se extrai o sensorial. Tinha saudades destas cenas de copos e metáforas: "O lavagante é principalmente um animal de tenebrosa memória, paciente o obstinado e, terrível nos seus desígnios, serve o safo que está nas tocas submersas levando-lhe comida a todas as horas, a sua existência anda presa a essa serpente estúpida de grandes sonos".

Ainda bem que o José Cardoso Pires deixou este inédito, datado dos tempos em que concebeu algumas das principais obras primas. É bom comparar este resumo de escrita datada, altíssima escrita, com os sinais das velhas e novas literaturas. José Cardoso Pires sai sempre incólume, vitorioso na construção de monólogos, diálogos, paisagens, caracterização das personagens, esse grande sonho de um Portugal tradicionalista que se esvai na chegada dos turbulentos anos 60. Que boa surpresa, este lavagante!